

ENTREVISTA COM A ESCRITORA ELIZABETH MARTINS¹

INTERVIEW WITH THE WRITER ELIZABETH MARTINS

Nanda Pícoli*

Nanda Pícoli [NP]: Estamos aqui com a escritora capixaba Elizabeth Martins, graduada em História pela Ufes; foi professora no ginásio Maria Ortiz, na Escola Técnica Federal e no Colégio Martinho Lutero, e atualmente desenvolve um trabalho com crianças de escolas públicas e particulares da Grande Vitória, falando sobre os seus livros e de outros autores, no sentido de privilegiar o tema a importância da leitura. Primeiramente, quero agradecer por ter aceitado bater um papo conosco e de nos privilegiar com sua presença e seu depoimento. Meu nome é Fernanda Pícoli, sou da faculdade Multivix, do Curso de Pedagogia, estou no quinto período, e estou representando

¹ PICOLI, Nanda. *Entrevista com a escritora Elizabeth Martins*. Nov. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I3W9zziQD6s>. Acesso em: 7 jul. 2024.

* Escritora, autora de *Vai pra lá com esse blá-blá-blá* e *Você viu a minha mãe?*

meu grupo que é composto por Valéria Rocha, Roberta Tonony e Joyce Araújo, ministrado pela professora Mirian Pestana. Senhora Elizabeth, me fale um pouco sobre sua vida, em específico sua dedicação à escrita.

Elizabeth Martins [EM]: Eu sempre fui leitora voraz e desde criança lia muito, influenciada pelo exemplo do meu pai. Nunca pensei em ser escritora; eu achava que os escritores eram muito especiais, eram pessoas de grande cultura, eram pessoas que tinham um dom especial. Então, eu nunca pensei em ser escritora; eu era fã da escrita.

NP: E como que isso aconteceu?

EM: Isso aconteceu em 1993 – quer dizer, provavelmente um processo adormecido que veio eclodir em 1993 –, quando eu me vi sentindo o desejo de escrever e comecei a colocar os meus textos no papel e percebi que eram crônicas. Então, comecei a apresentar essas crônicas a algumas pessoas que tinham ligação com o meio literário e jornalístico, e foi aí que o jornal *A Gazeta*, através do “Caderno 2”, começou a publicar as minhas crônicas. Publiquei durante longo tempo no jornal *A Gazeta*, e depois eles criaram um jornal de domingo, que se chamava *Leve a vida*. Nesse jornal dominical eu comecei a escrever quinzenalmente, trocando com autores conhecidos, como Elisa Lucinda e Viviane Mosé. Mas depois o *Leve a vida* terminou, e foi substituído pelo que hoje é a *Revista AG*; foi uma evolução, uma mudança dentro do jornal.

NP: Eu gostaria que você destacasse algumas de suas obras; só falar os nomes.

EM: Olha, paralelo a esse trabalho de crônicas, já em 1994 eu tive vontade de escrever para criança, e foi o meu primeiro livro *A bailarina cor-de-rosa*. Depois de um tempo, eu escrevi *João, o botão*; mais tarde, escrevi *O jardim de Laila*. Esses são os que foram publicados. Depois, bem mais recente, um livro de crônicas, com crônicas de todo esse período de escrita.

NP: E qual dos livros a senhora gostou mais de escrever? Qual você teve mais paixão: “Nossa, esse adorei...”? Ou foram todos?

EM: É muito interessante. As pessoas costumam perguntar sobre isso, mas cada livro tem um momento e tem uma situação específica, e se torna importante para a gente por causa disso. Então, *A bailarina cor-de-rosa* foi o primeiro, é super querido, uma coisa, assim, meio que saía bem lá de dentro, de memórias da infância, tudo isso.

NP: Gostaria que você fizesse um breve resumo d'*A bailarina cor-de-rosa*. De 94 ou 93?



Entrevista com a escritora Elizabeth Martins

Print da entrevista de Elizabeth Martins a Nanda Pícoli.

EM: Eu escrevi em 93 e publiquei em 94.

NP: Fale mais um pouquinho sobre essa história.

EM: Essa história é a história de uma bailarina de caixinha de música. Ela vive presa numa cristaleira, na casa de uma senhora que se chama Tereza, e essa dona Tereza tem uma filha. O desenrolar do livro é justamente quando a filha entra em contato com a bailarina, e ocorre aquela passagem para a fantasia, para o encantamento, porque a bailarina passa a falar, a bailarina se comunica com a menina, quer sair da cristaleira, e a menina sai, vai mostrar a cidade à bailarina. Então, é essa viagem encantada que as crianças curtem tanto.

NP: Em nossas pesquisas, como você já disse, nós vimos que a senhora foi contista – só relatando aqui de novo que ela participou da coletânea de contos para adultos, *No canto do olho* –, e cronista também, publicou regulamente no

jornal *A Gazeta* de 93 a 98, e, além disso, publicou na coleção Escritos de Vitória, da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória, na célebre revista *Você* e na revista *Intelecto*. Então, dentre todas essas contribuições, nós gostaríamos de saber um pouco mais sobre suas contribuições no cenário capixaba, nacional ou internacional, se houver.

EM: A minha contribuição é restrita ao Espírito Santo, porque desses meus livros, principalmente os infantis, já foram feitas várias edições. O *João, o botão*, por exemplo, está na 4ª edição...

NP: Deixa eu ver o *João, o botão*, para mostrar aqui.



Entrevista com a escritora Elizabeth Martins

EM: O *João, o botão* está na quarta edição; são aproximadamente quatro mil livros já distribuídos no Espírito Santo, fora a parte de contação de história, em que a história é contada pelos contadores de histórias, que cada vez o número cresce mais.

NP: Eles pegam a sua história e contam a história...? Interessante isso.

EM: Contam. Fazem a contação de história nas escolas, nos programas culturais, projetos culturais, como Viagem pela Literatura, quando eles vão às comunidades. O *João, o botão* está no CD do programa Viagem pela Literatura, narrada pelo João Vitor que é um contador de história. Então, ele saiu muito do livro, ele saiu muito desse contexto; já está muito espalhado.

NP: Não sei se é seu preferido, mas quando a gente pesquisa em “livros de Elizabeth Martins”, aparece esse aqui...

EM: *O jardim de Laila?*



Entrevista com a escritora Elizabeth Martins

NP: Aparece *O jardim de Laila* como o mais famoso. Isso é verdade?

EM: Não (risos). O mais famoso é o *João, o botão*.

NP: *João, o botão?*

EM: É. E eu posso dizer “famoso”, sem medo e sem nenhuma falsa modéstia e tal, porque o *João, o botão* é o preferido das professoras, pedagogas, nas escolas. Então, como grande parte do meu trabalho se faz nas escolas, no projeto de incentivo à leitura, então, o *João, o botão* é muito, muito querido.

NP: Qual é a história moral dele (pelas professoras gostarem tanto...)?

EM: Não há... É bom até eu frisar isso, porque quando eu faço as histórias infantis, eu faço de forma literária; eu não pretendo passar – nem penso em passar – nenhum tipo de moral ou qualquer coisa assim. Eu escrevo uma história para as crianças para que elas curtam...

NP: Para se divertirem?

EM: Para que elas se divirtam. E a leitura é de cada um. Então, há pessoas, há professoras e pedagogas, que encontram no livro, por exemplo – e muitas delas

trabalham sobre isso –, a questão do afeto, a questão do abandono; outras trabalham a relação com a avó, a relação da criança com a avó... Isso varia muito. Eu não gosto de literatura temática.

NP: Entendi.

EM: Nem diria que [literatura temática] é literatura, entendeu?

NP: Bem, nossa entrevista, nosso bate-papo, está chegando ao fim, e eu deixo livre, se você quiser fazer algum comentário.

EM: Estou feliz por ter sido lembrada para essa entrevista e esse contato com a Multivix, através dos alunos. E queria lembrar que a leitura é que motivou tudo isso; o princípio da minha formação...

NP: Cria laços; as crianças conhecem todo mundo...

EM: É. A leitura é que motivou essa produção; o fato de eu ser leitora, ter sido uma criança leitora, levou a me preocupar com as crianças, para que elas lessem também, porque traz muita facilidade.

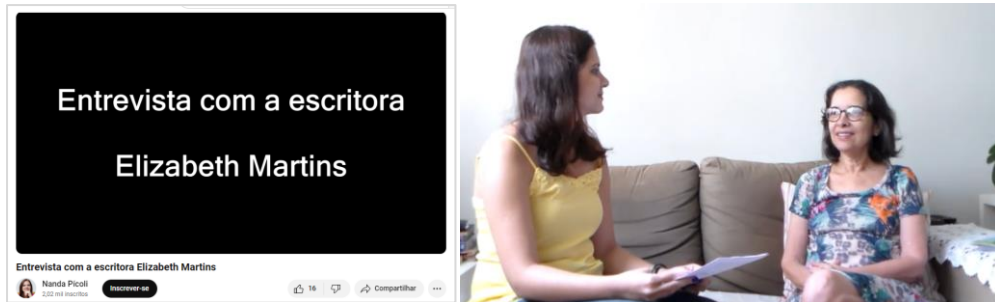
NP: Agora uma pergunta pessoal; tive essa ideia agora: quando você vê uma criança lendo seu livro, você já presenciou isso? Qual é a sensação que você sente?

EM: Ah, sim, é maravilhoso, porque são aproximadamente vinte anos desse contato direto com as crianças e com as escolas. Constantemente, todo ano eu vou a algumas escolas, por conta justamente do trabalho de incentivo à leitura, e foram inúmeras vezes que eu vi crianças com os meus livros, trabalhos de escola maravilhosos, como o que eu fui ver ontem de manhã. Nossa, é uma alegria, uma felicidade imensa, porque você sente que você está deixando uma semente, que você está deixando alguma coisa de bom para aquelas crianças.

NP: Bacana. Agradeço de novo. Prazer em conhecê-la.

EM: Imagina, o prazer foi meu.

NP: E é isso aí, pessoal. Espero que vocês tenham gostado, e até a próxima.



Prints da entrevista de Elizabeth Martins a Nanda Pícoli.